



SPREEKWOORDEN - OS PROVÉRBIOS HOLANDESES

Geraldo Souza Dias. USP

RESUMO: Relato de uma experiência de uma exposição artística baseada na releitura de um trabalho clássico do renascimento flamengo, tendo por meta o aprofundamento do estudo da relação palavra/imagem. Enquanto para o pintor Pieter Bruegel, os provérbios holandeses foram motivo para elaboração de uma visualização imaginativa, os trabalhos criados e aqui discutidos, enfatizam a interpretação livre, fazendo uso de códigos da linguagem escrita nas artes..

Palavras-Chave: provérbios, relação palavra/imagem, instalação

ABSTRACT: Report on an experience of an art exhibition based on the re-reading of the classic work of the Flemish Renaissance having as goal the deepening of the study of the relationship word/image. While for the painter Pieter Bruegel the Dutch proverbs were the issue for the elaboration of an imaginative visualization, the new works here discussed emphasize the free interpretation resorting to codes of written language.

Keywords: proverbs, relation word/image, installation

Em março de 2012 o Grupo de Pesquisa “Palavra & Imagem” da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, sob minha coordenação, apresentou no Hall da biblioteca Nadir Kfoury da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo a exposição *SPREEKWOORDEN – os provérbios holandeses*.

O objetivo principal da mostra foi estabelecer diálogos produtivos entre obras de arte contemporânea e a pintura “Os Provérbios Holandeses”, do pintor flamengo Pieter Bruegel de 1559. O título em holandês teve o intento de provocar estranhamento e ao mesmo tempo enfatizar o componente verbal da arte ali exibida. Os artistas participantes são alunos do curso de pós-graduação da ECAUSP e produziram em diversas linguagens para a mostra.

Os trabalhos realizados apresentam em seu corpo elementos do discurso verbal - letras, palavras, trechos de textos ou textos completos – ou apenas imagens ou elementos plásticos, conforme a poética visual de cada artista, numa aproximação entre o universo atual da arte e o da pintura renascentista flamenga.

Situam-se num quadro de referências teóricas, construído a partir da leitura de diversos autores e múltiplas abordagens: iconográfica, literária, historiográfica, semiótica, filosófica e, principalmente, a prática artística. Textos de Roland Barthes, Michel Butor, Michel Foucault foram discutidos nas aulas e o livro *Words to be looked at – Language in 1960s Art*, de Liz Kotz (2006), nas reuniões do grupo.

A pintura *Os provérbios holandeses* de Pieter Bruegel, o velho (1525/30-1569), mote e título da exposição, foi estudada juntamente com o esquema identificador dos provérbios, desenvolvido pelos historiadores de arte alemães Rose-Marie e Rainer Hagen.

Cada artista escolheu entre os tantos provérbios, aquele ou aqueles com que mais se identificou e tratou de interpretá-lo(s) de acordo com a linguagem com que normalmente opera. A maioria criou obras inéditas especialmente para a exposição, havendo ainda casos em que se apresentou trabalhos já realizados que no entanto, permitiram um novo enquadramento e leitura nos marcos da exposição.



Pieter Bruegel, *Os Provérbios Holandeses*, 1559
117 x 163 cm, óleo sobre madeira
Gemälde Galerie, Berlim

Na obra geradora de referência de Bruegel, de 1559, numa superfície de 117 por 163 cm, mais de 100 provérbios, expressões lingüísticas e sentenças, são ilustrados por uma ou mais imagens figuradas ou motivos, através de pequenas cenas que formam um panorama de uma pequena comunidade urbana: uma aldeia à beira de um rio próximo ao mar é o cenário para ações aparentemente cotidianas de seus habitantes. O olhar é conduzido por uma diagonal ascendente da esquerda (cenas mais próximas) para a direita (cenas mais distantes), aprofundando-se no cenário. Uma grande casa com portas, águas-furtadas e anexos, toma a metade esquerda do quadro. Diante dela vê-se uma espécie de praça, que se afunila ao margear o rio; no canto inferior direito, duas precárias cabanas criam cenário para outras ações. Ao centro, também à direita, uma ponte com portas de controle de transeuntes, cruza o rio. Por detrás se observa numa faixa de terra em ascensão, uma granja em meio a campos de trigo. À distância e à direita, estende-se o mar.

Com maestria, o artista relacionou as múltiplas ações individualizadas umas com as outras criando uma grande cena social, de certo modo semelhante às da série de livros ilustrados “Onde está Wally” do cartunista Martin Handford, dos anos 1980.¹

Por conta da ordenação da composição e sua coloração, dois motivos saltam aos olhos e fornecem a chave para o entendimento da representação como um todo. Na frente, bem no centro dos acontecimentos, há uma mulher de vestido vermelho, que ajusta um casaco azul no homem que caminha a seu lado. O provérbio que se atribui a esta cena é “ela põe o manto azul no marido” e significa que ela o trai. A partir daí pode-se detectar o humor mordaz do artista e que contamina todas as outras pequenas cenas.

Também chama a atenção um elemento inusitado no pórtico da casa principal - um globo colocado de ponta cabeça. É conhecido na Europa medieval o uso deste símbolo colocado na fachada de algumas casas para designá-las como estalagens ou abrigos para viajantes, às vezes acompanhado pelo nome do estabelecimento pintado diretamente na fachada. A inversão do globo é o que causa estranhamento. Por conta desses dois aspectos dominantes, a obra, que passa a integrar o acervo dos palácios prussianos, chegou a ser conhecida no século XVII com o título alemão “Die verkehrte Welt” – O mundo de ponta cabeça. Também ficou conhecida com o

título holandês, “De Blauwe Huyck” , o manto azul. O próprio Bruegel sugere este ultimo na anotação de uma gravura em metal, realizada em Antuérpia em torno de 1558, e que provavelmente lhe serviu de estímulo na formulação da versão pictórica do tema: “Este é chamado principalmente de ‘o manto azul’, entretanto seria melhor conhecido como ‘as tolices do mundo’.”²

Com isto fica evidente, que Bruegel não quis apenas fazer rir o espectador, pois as figuras ali representadas movem-se quase como marionetes num palco, comportando-se tolamente, ou seja, não estão em situação de agir melhor por sua própria compreensão de mundo.

De acordo com suas mensagens, os provérbios classificam-se em diversas categorias. Eles ilustram acima de tudo a tolice e o absurdo do comportamento humano, dão visualidade aos conceitos de traição, mentira e hipocrisia permitem constatar como a crise de valores religiosos na terra, poderiam, já no século XVI, conduzir ao mal e à tentação. O resultado é que o cenário colorido, burlesco e estimulante é permeado de um profundo pessimismo. Um olhar atento vai nos revelar a imagem do absurdo do esforço da ação humana num mundo hostil e agnóstico. Ao mesmo tempo, entretanto, também reconhecemos que Bruegel não apresenta uma visão de mundo definitiva, mas ao transportar o espectador para obra, situa-o ao mesmo tempo num posto de observação superior para que possa perceber a estranheza dos modos de comportamento humano e finalmente os possa compreender.

O tema da representação era disseminado na literatura e na arte nos séculos XV e XVI, Bruegel, entretanto, foi o primeiro a criar uma “paisagem proverbial”, que enquanto obra de arte, permanecerá atemporal como uma manifestação.

A listagem abaixo mostra os provérbios identificados na obra pelos historiadores de arte Rose-Marie e Rainer Hagen³ sendo que algumas cenas podem ter múltiplas interpretações:

- 1) O telhado está coberto por tortas (pães) – (reina a abundância. Vive-se muito bem.)
- 2) Casar debaixo da vassoura (sem a bênção da igreja)
- 3) A vassoura está do lado de fora (os homens não estão em casa)
- 4) Ele enxerga pelo meio dos dedos (Ele não observa direito, em todo o caso teria a necessidade disso)
- 5) Ali está a faca pendurada (desafio)
- 6) Ali estão os tamancos (esperar em vão)

- 7) Eles têm um ao outro pelo nariz (eles se traem mutuamente)
- 8) Os dados foram lançados (foi decidido)
- 9) Os tolos tiram as melhores cartas
- 10) Depende das cartas que virão
- 11) Ele caga para o mundo
- 12) O mundo de ponta cabeça (o contrário do que deveria ser)
- 13) Passar a tesoura pelo olho (lucrar de maneira desonesta, ou ainda: olho por olho)
- 14) Deixar um ovo no ninho (manter algo de reserva, não gastar tudo)
- 15) Um homem com curativo por causa do dente (talvez ainda: ele o tem grosso (como um punho) atrás das orelhas: ele é manhoso, esperto, malandro.
- 16) a) Ele urina para (contra) a Lua: ele se esforça por atingir algo impossível
b) Ele urinou para (contra) a Lua: sem empreendimento fracassou.
- 17) Seu teto tem um buraco.
- 17) Teto velho tem necessidade de muitas melhorias.
- 18) O teto tem sarrafos. (Há escutadores: as paredes têm ouvidos)
- 19) Ali está o penico pendurado do lado de fora. No mundo de ponta-cabeça, ao invés da jarra, o penico serve como placa de anúncio
- 20) Barbear os tolos sem sabão. Barbear por sobre a colher (costume de enfiar uma colher na boca de homens velhos para poder barbeá-los melhor): enganar alguém, exercitar com alguém seu escárnio, fazer troça de alguém
- 21) Cresce para fora da janela: não pode mais ser mantido em segredo.
- 22) Dois bobos se juntam debaixo de um capuz. A torpeza ama companhia.
- 23) a) Atirar uma flecha em perseguição a uma outra.
b) Atirar todas as flechas. Queimar todos os cartuchos (age imprudentemente aquela que usa todas as flechas, pois se ele se depara com uma situação de necessidade, não tem nenhuma de reserva.)
- 24) Aos beijos, ela amarra até o diabo ao travesseiro. A teimosia vence até o diabo.
- 25) Ele é um mordedor de postes (ele é um lisonjeador hipócrita)
- 26) Ela traz fogo numa mão, mas água na outra. (ela tem duas línguas e é desleal, talvez linguaruda,
- 27) a) Ele frita o arenque por causa das ovas (jogar a salsicha pelo toucinho , i.e. sacrificar uma coisa insignificante pela vantagem maior.
b) Seu arenque não frita ali. (nem tudo ocorre como deveria)
c) Ele tem uma tampa em sua cabeça, responsabiliza-se pela culpa, ele paga o pato.
- 29) a) Ele tem mais em si do que um arenque vazio (muita coisa frequentemente tem um sentido mais profundo, do que uma consideração superficial permite reconhecer)
- b) O arenque pendura-se pela própria guelra. (nós mesmos temos que arcar com as consequências de nossos erros)
- 30) Entre duas cadeiras, ele sentou nas cinzas, ele perdeu a oportunidade.
- 31) Que mal a fumaça pode fazer ao ferro? É inútil lidar com o imutável.
- 32) Os fusos caem nas cinzas. A coisa deu errado.
- 33) Se deixarmos o cão entrar, então ele rastejará até o pote (ou armário). Ficar a ver navios. O último, mordem os cães.
- 34) Aqui a porca abre a torneira. (mau negócio, A negligência se vinga)
- 35) Ele bate com a cabeça no muro, (sem consideração e colericamente tentar o impossível)
- 36) Enraivecer alguém (estar fulo da vida)
- 37) Colocar o guizo no gato, (planejar algo furtivo, mas deixar que todo mundo fique sabendo, empreendimento que dá errado, ou, assumir um empreendimento difícil.
- 38) Armado até os dentes
- 39) O comedor de ferro
- 40) O apalpador de galinhas (preocupar-se com os ovos que ainda não foram botados)
- 41) Roer sempre o mesmo osso, (trabalho árduo e em vão, ou então, repetir as mesmas coisas.
- 42) A tesoura está pendurada do lado de fora (imagem figurada de ser explorado por preços muitos altos, roubo)
- 43) Ele fala por duas bocas (linguarudo, desleal)
- 44) Um tosquia a ovelha, o outro o porquinho. (um tem vantagem, o outro, prejuízo, ou um vive na opulência, o outro na miséria)
- 45) Muito barulho (gritaria) e pouca lã.
- 46) Tosquie-a mas não a esfole. (não queira sempre a todo o custo ter vantagem)

- 47) Paciente como um carneiro
- 48) a) Um enrola, o que o outro fia (conversa maldosa)
- b) Atenção, para que nenhuma mão negra apareça (a coisa não pode falhar, ou, onde duas mulheres estão juntas, não se necessita de nenhum cão latindo)
- 49) Ele traz a luz na cesta para o dia (ele desperdiça seu tempo, inutilmente)
- 50) Acender velas para o diabo (é bom fazer amigos em toda a parte, lisonjear alguém)
- 51) Ele se confessa com o diabo (Entregar segredos ao inimigo)
- 52) Assoprador de orelha
- 53) O grou (a garça) convida a raposa (Bruegel emprega o conhecido motivo da fábula de Esopo) dois traidores estão sempre pensando em como levar vantagem.
- 54) De que serve um belo prato, se não ha nada sobre ele?
- 55) É uma espumadeira.
- 56) Está assinalado (marcado a giz), não será esquecido
- 57) Ele fecha a fonte quando a vaca já se afogou. (só depois que a fatalidade ocorre é que se empreende algo)
- 58) Ele tem o mundo dançando em seu polegar (tudo dança de acordo com seu assovio – ele manda em tudo)
- 59) Ali está uma vara na roda. (enfiar uma vara no meio das pernas de alguém)
- 60) Quem quer ir pelo mundo deve rastejar (quem quer tornar-se algo, deve ser esperto e sem caráter).
- 61) Amarrar em Deus uma barba de palha de trigo (A mentira frequentemente ocorre sob a máscara da hipocrisia)
- 62) Ele atira rosas (pérolas) aos porcos (São Mateus, 7,6) Desperdício para os indignos)
- 63) Ela coloca o manto azul no marido (ela o trai)
- 64) O porco foi esfaqueado na barriga (A coisa já está decidida desde o princípio - é irrecorrível)
- 65) Dois cães dificilmente chegarão a um acordo sobre um osso (Lutar raivosamente por uma mesma coisa), figura de linguagem para a cobiça e inveja,
- 66) Sentar em brasas (estar impaciente e angustiado)
- 67) a) Carne no espeto deve ser regada.
- b) É saudável urinar no fogo.
- c) Seu fogo foi mijado. Não há mais fogo
- 68) Com ele não há espeto para girar.
- 69) a) Ele pega peixes com as mãos (ele é esperto, escaldado, malandro, ou seja, ele lucra com o trabalho dos outros – enquanto os outros na realidade jogam a rede, ele apanha os peixes da rede).
- b) jogar o stint (pequeno peixe semelhante ao salmão) para pescar o bacalhau (peixe de 50kg.)
- 70) Ele cai pelo cesto (pretendente – noivo- derrubado): ganhar um cesto, fracassar.
- 71) Estar pendurado entre o céu e a terra (ele se pôs numa situação precária e não sabe como se decidir).
- 72) Ele pega o ovo de galinha e deixa o ovo de gansa ir embora. (com cobiça, fazer uma escolha difícil)
- 73) Ele boceja diante do forno, ele precisa muito tempo bocejar, pois o forno quer bocejar mais. (Ele tenta abrir sua bocarra como uma tampa de forno, ou seja, ele superestima suas habilidades ou lidar contra mais fortes em vão.)
- 74) Ele não consegue ir de um pão ao outro. (ele não se entende com seu dinheiro)
- 75) Ele procura a machadinha. Ele procura uma desculpa, uma saída, assim como: Lá vem ele com sua lanterna (aqui pode ele finalmente fazer brilhar a sua luz)
- 76) Um machado com o cabo (o todo), significado não muito claro
- 77) Um ancinho (uma enxada) sem o cabo. (algo inútil?) significado incerto Trata-se de um cortador de massa.
- 78) Aquele que derruba seu mingau não pode recuperar tudo de novo. Danos não podem ser compensados. (Não adianta chorar sobre leite derramado)
- 79) Eles puxam pelo mais longo. Cada qual esforça-se por sua vantagem)
- 80) Ele se mantém de pé: O amor está do lado daquele que tem pendurada a bolsa de dinheiro.
- 81) a) Ele se coloca a si mesmo na luz.
- 81) b) Ninguém procura por outro no forno, a não ser que ele próprio houvesse estado ali. (apenas aquele que é mau, pensa coisas más sobre os outros)

- 82) Ele toca no pelourinho. (Se alguém está no pelourinho, não deve atrair a atenção sobre si, também, pegar algo para si, injustamente).
- 83) Ele vai do boi ao burro (fazer maus negócios)
- 84) O mendigo sente muito, que um outro está na porta.
- 85) Ele pode ver através de uma tábua de carvalho, se esta tiver um furo.
- 86) a) Ele esfrega suas costas na porta (colocar-se fora do caminho de todas as coisas
b) Ele anda com seu pacotinho (cada qual tem sua carga para carregar).
- 87) Ele beija o anel. Ele mostra respeito falso e exagerado.
- 88) Ele pesca atrás da rede (perder a oportunidade, agir inutilmente)
- 89) Os grandes peixes devoram os pequenos
- 90) Ele se ressentido que o sol brilha na água. (Preocupar-me com a prosperidade do vizinho, a mim me magoa que o sol ri na água, inveja)
- 91) Ele joga seu dinheiro na água. (jogar dinheiro pela janela, gastar em demasia)
- 92) Eles cagam pelo mesmo buraco (inseparáveis companheiros)
- 93) Está pendurada como uma privada sobre o túmulo. (A ocasião é inequívoca)
- 94) Ele quer pegar duas moscas com um só golpe. (mas nenhuma é apanhada, ou seja, ambição demasiada na vida é punida).
- 95) Ela fica a ver a cegonha (ela desperdiça seu tempo)
- 96) Pelas penas se reconhece o pássaro
- 97) Ele pendura seu casaco de acordo com o vento. (ele acomoda seu ponto de vista, de acordo com as circunstâncias)
- 98) Ele sacode as penas no vento (todo seu esforço foi em vão, trabalhar sem plano)
- 99) Do couro de estranhos, cortam-se bons arreios (é fácil ser generoso com a propriedade dos outros).
- 100) A jarra vai tanto à água, até que quebra. (tudo tem seus limites).
- 101) Ele pega a enguia pelo rabo. (uma coisa difícil que fracassará).
- 102) É difícil nadar contra a corrente. (aquele que se recusa a aceitar as leis gerais da vida e não se adapta a elas, terá dificuldades)
- 103) Ele pendura sua batina por sobre a cerca. (Ele rompe com o costumeiro, sem saber se em seu novo ambiente pode se sentir à vontade)
- 104) Este provérbio não pode ser compreendido facilmente. Possíveis são os significados a seguir:
a) Ele vê os ursos dançando. (ele está com tanta fome que vê até ursos dançar).
b) Ursos selvagens gostam da companhia um do outro. (Que vergonha para o homem que não suporta a companhia de seu semelhante!)
- 105) a) Ele corre como se tivesse fogo por detrás (ele se encontra numa situação difícil)
b) Quem come fogo, caga faíscas. (Quem empreende algo perigoso, na deve se espantar com as consequências).
- 106) a) Se a porta está aberta, correm os porcos para o milho. (Sem supervisão, tudo corre da pior maneira)
b) Diminui o milho, engorda o porco. (o que para um é desvantagem, para outro é útil)
- 107) Para ele é indiferente de quem é a casa que incendeia, contanto que ele possa se aquecer com as brasas. (ele aproveita toda a oportunidade para obter vantagem)
- 108) Um muro gigantesco torna-se logo uma ruína.
- 109) Com vento a favor é bom velejar (sob condições favoráveis é fácil ter sucesso)
- 110) Ele tem um olho na vela (Ele presta atenção)
- 111) a) Quem sabe por que os gansos caminham descalços (deve ter sua razão)
b) Não tenho vocação para cuidar de gansos, por isso, deixo os gansos serem gansos.
- 112) Bosta de cavalo não são figos (não se deve deixar enganar)
- 113) Ele arrasta o tronco (banquinho). (Um noivo traído). Ele se esforça por algo, que não tem sentido)
- 114) O medo faz a velha mulher correr (A necessidade empresta forças, que de outro modo não se usaria)
- 115) Ele caga na forca (ele teme por sua sentença, ele é um fracassado que acabará mal).
- 116) Onde tem carniça, voam os corvos.
- 117) Se um cego conduz um outro, caem ambos no túmulo. (se alguém que não sabe conduz um outro, há um infortúnio)
- 118) A viagem só chegou ao fim, quando se reconhece igreja e torre. (o objetivo só é alcançado quando sua tarefa foi totalmente cumprida. Um outro provérbio, que se relaciona

com o sol no céu: Não há nada tão finamente fiado, depende do sol. (nada permanece escondido, impune)

A proposta inseriu-se nas experimentações de artista como curador, uma vez que venho trabalhando nos últimos anos com a relação palavra/imagem, já tendo realizado diversas exposições sobre o tema, individualmente, no Paço das Artes (2004 e 2005), na Pinacoteca do Estado de São Paulo (2007) , no Museu de Arte Contemporânea da USP (2008) e em grupo, no Espaço Cultural Helena Calil, em São Jose dos Campos (2005).

Nessa linha de pesquisa situa-se minha tese de livre-docência em 2006 com o tema “Babel”, também inspirado em obra homônima de Pieter Brugel, a Torre de Babel, realizada na FAUUSP em 2006 e re-instalada no Espaço Octógono da Pinacoteca do Estado de São Paulo em 2007. Mesmo minha participa na 30ª. edição do Arte Pará em 2011, quando obtive o primeiro prêmio com a obra “Der Freie Dozent”, também relaciona texto e imagem e auto-ironiza a carreira acadêmica do artista-professor.

A exposição de PUC em 2012, contou com 18 artistas, dos quais selecionei alguns trabalhos que passo a apresentar :

Ana Estaregui, criou a partir de uma poética de valorização de diminutos objetos e palavras cotidianas, que nos passariam despercebidas, uma parede de pequenos envoltórios plásticos, que os contextualizam e diferenciam. Ela interpretou o provérbio Ele traz a luz na cesta para o dia (ele desperdiça seu tempo, inutilmente), mostrando a transformação do prosaico em poético.

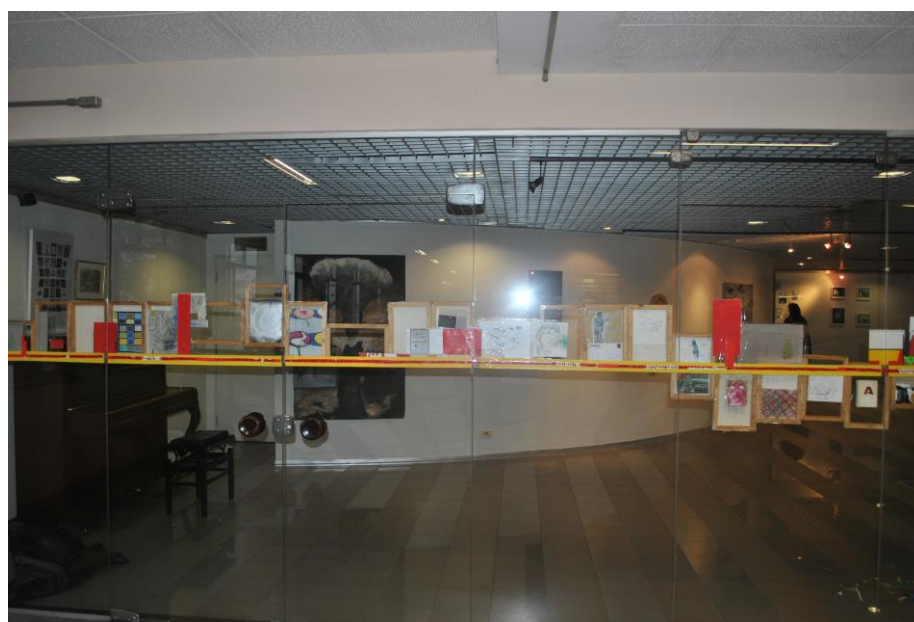


Cassia Castro, elaborou uma pintura no motivo de construções das mesquitas árabes, que no entanto, pode ser vista como uma representação marítima onde um veleiro traz a frase “ele tem um olho na vela”, ou seja, ele esta atento.

Fernanda Grigolin produziu um vídeo onde alguns dos provérbios apresentados pelo pintor são transformadas numa versão feminista e relacionados entre si, acentuando sua visão critica e são “lidos”, mas com uma quebra de sincronia entre som e imagem, por uma bela atriz.



Geraldo Souza Dias, transforma a ideia de “mundo de ponta cabeça” em um manifesto pela transparência do mundo, aproveitando-se da parede envidraçada da Biblioteca, o que permitiu a distensão de um manifesto pela liberdade de movimento das massas oprimidas por todo o território global, e que podia ser vista por ambos os lados. Mostravam-se também pinturas e seu avesso, o processo criativo, esboços, croquis, relacionados com a linearidade do texto, que complementava a faixa amarela que geralmente se coloca em grandes superfícies envidraçadas para segurança do público.



Josiane Cavalcanti, apresentou porta-joias com palavras e pequenos objetos.

Júlio de Ló, numa interpretação escatológica de um dos provérbios, instala a palavra “BOSTA” que se inicia no “B” transformado em nadegas e que se deposita num pequeno globo que no solo, tem uma tampa de latrina.



Lucas Jara Soares, sumariza a critica a vaidade do provérbio: ” ele traz a si mesmo para a luz”, num espelho.

Matiko Sakai, traz uma pintura de linguagem expressionista da explosão de uma bomba atômica e também inspirada na famosa foto dos anos 1970 que mostrava uma criança nua fugindo do ataque de bombas desfolhantes “napalm” que provocava terríveis queimaduras na pele, numa interpretação do provérbio: esta assinalado, não será esquecido.

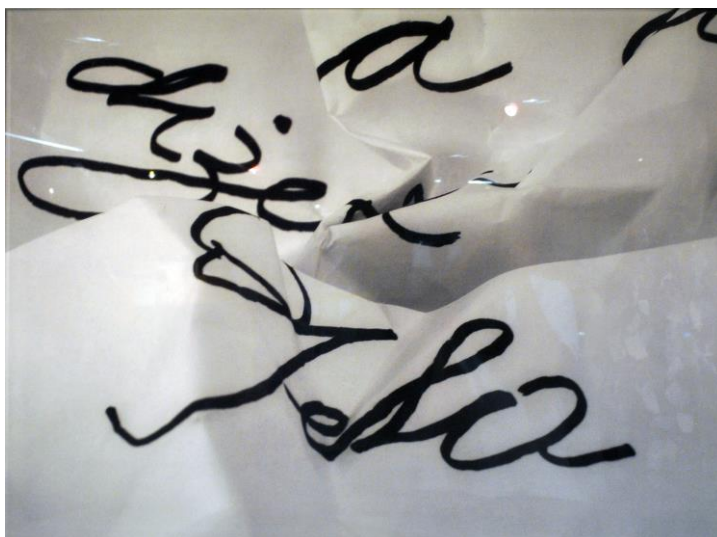
A arte educadora **Margarete Barbosa**, também interpretou o provérbio do olho na vela, a partir da observação de um de seus alunos sobre o seu nome e a palavra “MAR”.

Mariana Parzewski, usa a expressão palavras ao vento, para criar uma instalação de pequenas folhas de papel, que oscilam no espaço da galeria.

Marli Takeda, vai adotar o provérbio: ele tem mais em si que um arenque vazio, para prestar homenagem a sua falecida sogra, de quem ela herda uma coleção de lápis. Na caixa ela desenha com o pirógrafo a cena que trata disto e dispõe no lado interno da caixa uma fieira com os arenques secando ao sol, numa interessante aproximação entre a cultura japonesa e a holandês.



Monica Barth, altera o significado da palavra “carta” em “depende das cartas que virão”, para o de “missiva”, e tem trabalhado tanto em pintura como em fotografia a partir das cartas de sua família provenientes da Europa Central.



A ceramista **Patrícia Miranda**, elabora em placas de porcelana cenas que comentam a traição amorosa, mas que também fazem referencia ao modernismo brasileiro, sua interpretação do provérbio “ela coloca o manto azul no marido: as placas de porcelana estão colocadas numa caixa de luz e envoltas por um tecido

azul, que com o andar dos espectadores na galeria, um sensor vai “revelar” a outra cena gravada na porcelana, a partir da luz que se acende.



San Bertini, também vai apropriar-se do provérbio “o mundo de ponta cabeça” para num trabalho de colagem com recortes de jornais e detalhes do quadro de Bruegel, associa-los a crítica também presente na literatura de cordel – alguns exemplares de livros de cordel também fizeram parte de sua instalação.

Teresinha Chiri, cria uma grande orelha em látex, numa alusão ao provérbio “os sarrafos- as paredes - têm ouvido. Ela ainda vai dota-la de um micro gravador, que serve como depositário de confissões, afirmações ou frases que os espectadores decidam ali colocar (gravar): trata-se portanto de um trabalho interativo.



Tiago Gomes, desenha com terra e mármore um tumulo que parte do provérbio “Armado até os dentes” para construir uma crítica a violência no Brasil.

Wagner Viana cria pinturas de pequeno formato que mesclam sua atividade como professor e o provérbio: “onde voam urubus, ha carniça” .

e **Vagner Godoi** constrói uma crítica ao mundo da publicidade, aproveitando-se de um piano existente na sala, para praticas musicais.

Para concluir, cumpre dizer que o resultado geral da exposição preservou o humor ferino do pintor flamengo, aceitou contribuições concernentes a uma certa crítica de natureza social, muito presente no Brasil atual e promoveu a discussão da relação entre palavra e imagem em trabalhos contemporâneos de artes visuais.

NOTAS

¹ No Brasil a serie foi publicada em português pela Editora Martins Fontes, São Paulo

² Rose-Marie e Rainer Hagen, *Bruegel – Sämtliche Gemälde*, Köln: Taschen, 2004, pp. 33-34

³ Idem, ibidem, pp.36-37

REFERÊNCIAS:

BARTHES, Roland, *O óbvio e o obtuso*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990

BUTOR, Michel, *Les mots dans la Peinture*, Paris: Skira, 1969

FOUCAULT, Michel, *As Palavras e as coisas*, São Paulo: Martins Fontes, 2002

_____, *Isto não é um cachimbo*, São Paulo: Paz e Terra, 2002

HAGEN, Rose-Marie und Rainer, *BRUEGEL – Sämtliche Gemälde*, Köln: Taschen, 2004

KOTZ, Liz, *Words to be looked at – Language in 1960s Art*, Cambridge: The MIT Press, 2007

MORLEY, Simon, *Writing on the Wall – Word and Image in Modern Art*, Berkeley: University of California Press, 1998

webite: http://www.youtube.com/watch?v=A9C_CGGYW-M

Geraldo Souza Dias, artista plástico, graduou-se na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, fez mestrado no Pratt Institute, Nova York e doutorado na Universität der Künste Berlim. É Professor Associado na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e foi professor visitante do Instituto de Artes Visuais, Design e Marketing de Lisboa e da University of the Arts, Philadelphia.